

## A VIOLÊNCIA NEURONAL

Cada época tem as suas doenças paradigmáticas. Podemos, assim, dizer que existe uma época bacteriana que só durou, porém, quando muito, até à descoberta dos antibióticos. Apesar do medo descomunal de uma pandemia gripal, não vivemos presentemente na época viral. Graças ao desenvolvimento da técnica imunológica, já a conseguimos ultrapassar. De um ponto de vista patológico, não é o princípio bacteriano nem o viral que caracterizam a entrada no século XXI, mas, sim, o princípio neuronal. Determinadas doenças neuronais, tais como a depressão, o transtorno por défice de atenção e hiperatividade (TDAH) ou certas perturbações da personalidade — transtorno de personalidade *borderline* (TPB) ou síndrome de *burnout* (SB) — descrevem o panorama patológico do início do século XXI. Não estamos já perante infeções, mas, sim, enfartes, originados não pela *negatividade* do outro imunológico, mas, sim, por um excesso de *positividade*. Daí que tais enfartes se subtraíam a toda e qualquer técnica imunológica, cuja função é defender o Eu da negatividade do outro.

O século passado foi uma época imunológica, um período em que se traçou uma clara distinção entre interior e exterior, amigo e inimigo, próprio e estranho. A própria Guerra Fria seguia este esquema imunológico. Na realidade, o paradigma

imunológico do século passado está, ele mesmo, profundamente dominado pela terminologia da Guerra Fria, por um autêntico dispositivo militar, por assim dizer. Todo o mundo imunológico se definia em função da ideia de ataque e defesa. A este dispositivo imunológico, que não se restringia apenas à esfera biológica mas que se estendia pela esfera social, abrangendo a sociedade como um todo, subjazia uma cegueira: tudo o que era estranho seria eliminado. O objeto da defesa imunológica é a estranheza enquanto tal. Mesmo que o estranho não tenha qualquer intenção adversa, mesmo que não represente nenhum perigo, a sua *alteridade* conduzirá à sua eliminação.

Nos últimos tempos têm surgido algumas teorias sociológicas que têm por base determinados modelos exegéticos de um foro manifestamente imunológico. A atualidade do discurso imunológico não deve, porém, ser interpretada como sinal de que a sociedade de hoje esteja, mais do que nunca, organizada em termos imunológicos. A expressa conversão de determinado paradigma em objeto de reflexão é, não raras vezes, sinal do seu declínio. Desde há algum tempo a esta parte que se tem vindo a dar, de modo não de todo manifesto, uma mudança de paradigma. A Guerra Fria terminou precisamente na sequência desta mudança de paradigma<sup>1</sup>. A so-

1 Curiosamente, assistimos a uma subtil relação recíproca entre o discurso social e o discurso biológico. As ciências incluem também dispositivos de origem não científica. Deste modo, podemos constatar uma mudança de paradigma no seio da imunologia médica a seguir à Guerra Fria. A imunologista americana Polly Matzinger rejeita o velho paradigma imunológico da Guerra Fria. De acordo com o seu modelo imunológico, o sistema imunitário não distingue entre *self* e *non-self*, entre próprio e estranho ou outro, mas, sim, entre *friendly* e *dangerous*, cf. Matzinger, Polly (2007). "Friendly and dangerous signals: is the tissue in control?", in: *Nature Immunology*. Vol. 8. I. pp. 11-13. O objeto da defesa imunológica já não consiste na estranheza ou na alteridade enquanto tais. Só o intruso que se comporte de modo destrutivo no seio do próprio será eliminado. Enquanto o estranho não se comporta dessa maneira, a resistência imunitária não é ativada. De acordo com a teoria de Matzinger, o sistema imunitário *biológico* é mais hospitaleiro do que se pensava. Não sabe o que é a xenofobia. É, portanto, mais inteligente do que a sociedade humana que pratica a xenofobia. A xenofobia é uma reação

cidade de hoje tende cada vez mais a identificar-se com uma constelação que se subtrai totalmente ao esquema imunológico de organização e de defesa. Esta constelação define-se pela supressão da *alteridade e da estranheza*. A alteridade é a categoria fundamental da imunologia. Qualquer reação imunológica é uma reação à alteridade. A alteridade é, contudo, hoje em dia, substituída pela *diferença*, categoria que já não pressupõe qualquer reação imunológica. A diferença pós-imunológica, ou pós-moderna, já não é sinónimo de doença. No plano da imunologia, ela corresponde ao *idêntico*<sup>2</sup>. É como se à diferença faltasse o aguilhão da estranheza, capaz de desencadear uma forte reação imunológica. Também a estranheza se reduz a uma fórmula de consumo. O estranho dá lugar ao exótico. O *turista* visita-o. O turista e o consumidor deixaram de ser *sujeitos imunológicos*.

Na sua teoria da *Immunitas*, Roberto Esposito parte de um falso pressuposto, quando afirma: “Basta pegar em qualquer jornal publicado nos últimos anos para constatarmos que, independentemente do dia em questão, as notícias, mesmo aquelas reunidas na mesma página, se referem a acontecimentos sem qualquer aparente relação entre si. Pois o que têm de comum entre si fenómenos como o combate à deflagração de uma nova epidemia, a oposição ao pedido de extradição de um chefe de Estado estrangeiro acusado de violar os direitos humanos, o reforço dos baluartes contra a imigração clandestina e as estratégias que permitem a neutralização do vírus informático mais recente? Nada, se os considerarmos como fenómenos confinados aos seus próprios domínios — o da medicina, do direito, da política social e da tecnologia infor-

imunitária patologicamente sobreacentuada que chega inclusive a ser perniciosa para o desenvolvimento do próprio.

2 O próprio pensamento heideggeriano apresenta um cunho imunológico. Heidegger recusa terminantemente o *idêntico*, contrapondo-lhe o *mesmo*. Ao contrário do idêntico, o mesmo possui uma interioridade sobre a qual assenta toda a reação imunológica.

mática —, também eles, separados entre si. Contudo, as coisas mudam radicalmente de figura, quando reportamos esses mesmos fenômenos distintos a uma categoria exegetica que tem precisamente como característica particular a capacidade de cruzar transversalmente todas essas linguagens específicas, remetendo-as para o mesmo horizonte de sentido. Como se pode inferir do título desta obra, dou a esta categoria o nome de ‘imunização’. (...) Todos os acontecimentos acima referidos podem ser vistos, não obstante a sua falta de homogeneidade lexical, como uma reação de defesa a determinado risco latente.”<sup>3</sup> Nenhum dos fenômenos citados por Esposito nos leva a crer que nos encontremos em plena época imunológica. O próprio “imigrante” por ele mencionado deixou de ser, na época atual, um *outro* imunológico, um *estranho* em termos enfáticos, capaz de produzir perigo real ou de infundir medo. Os imigrantes e os refugiados são mais vistos como um fardo para a sociedade do que como uma ameaça. O risco do vírus informático também já não vem associado a uma virulência social de igual dimensão. Não é, pois, por acaso que Esposito, na sua análise imunológica, dedica exclusivamente a sua atenção a problemas do passado e não a objetos de reflexão dos tempos atuais.

O paradigma imunológico não é compatível com o processo de globalização. A alteridade, motor da reação imunológica, impediria o processo da abolição de fronteiras. O mundo organizado por categorias imunológicas possui uma topologia própria. É um mundo informado por fronteiras, passagens e limiares, vedações, fossos e muralhas, barreiras que dificultam o processo de troca e de intercâmbio universal. A promiscuidade geral, que hoje em dia informa todos os setores da sociedade, e a ausência de uma efetiva alteridade imunológi-

3 Esposito, Roberto (2004). *Immunitas. Schutz und Negation des Lebens*. Berlim. p. 7. [No original: Esposito, R. (2002). *Immunitas. Protezione e negazione della vita*. Turim: Einaudi. (N. T.)]

ca formam uma relação recíproca de causa e efeito. Da mesma maneira, o hibridismo, marca do atual discurso da teoria da cultura e de toda uma forma de estar na vida nos dias de hoje, encontra-se nos antípodas da imunização. A hiperestesia imunológica seria incompatível com o hibridismo.

A dialética da negatividade é o princípio fundamental da imunidade. O outro imunológico é o negativo que se introduz no próprio e tenta negá-lo. O próprio sucumbe por ação da negatividade do outro, a não ser que, por sua parte, a consiga negar. A autoafirmação imunológica do próprio assume-se, por conseguinte, como negação da negação. O próprio afirma-se no outro quando nega a sua negatividade. A própria profilaxia imunológica, isto é, a vacinação, segue a dialética da negatividade. No processo de vacinação, introduzem-se apenas fragmentos do outro no próprio, a fim de provocar a reação imunitária. A negação da negação realiza-se, neste caso, sem perigo de vida, uma vez que a defesa imunológica não é confrontada com o outro enquanto tal. O próprio sujeita-se voluntariamente a alguma violência, a fim de se proteger de uma violência muito maior que conduziria à morte. O desaparecimento da alteridade indica-nos que vivemos numa época pobre em negatividade. As doenças neuronais do século XXI obedecem, também elas, a uma dialética, ainda que não se trate da dialética da negatividade. Elas seguem, sim, a dialética da positividade. Estamos perante estados patológicos que têm que ver com um *excesso de positividade*. A violência procede não só da negatividade como também da positividade, não só do outro e do estranho como também do *idêntico*. Parece ser a esta violência da positividade que Baudrillard se refere quando escreve: “Quem vive do idêntico, morre pelo idêntico.”<sup>4</sup> Baudrillard fala também

4 Baudrillard, Jean (1992). *Die Transparenz des Bösen. Ein Essay über extreme Phänomene*. Berlim. p. 75. [No original: Baudrillard, J. (1990). *La Transparence du mal. Essai sur les phénomènes extrêmes*. Paris: Galilée. (N. T.)]